



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

PAULO RICARDO AIRES RODRIGUES

**PAJUBÁ: LINGUAGEM DA COMUNIDADE LGBTI+ COMO
REPERTÓRIO ARTÍSTICO, SOCIAL E CULTURAL**

Palmas/TO
2023

PAULO RICARDO AIRES RODRIGUES

**PAJUBÁ: LINGUAGEM DA COMUNIDADE LGBTI+ COMO
REPERTÓRIO ARTÍSTICO, SOCIAL E CULTURAL**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Teatro para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade
Coorientadora: Profa. Dra. Roseli Bodnar

Palmas/TO
2023

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- B214j Bandeira, Manuel Carneiro de Sousa.
 Jornalismo no século XX. / Manuel Carneiro de Sousa Bandeira. – Palmas,
 TO, 2018.
 350 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Palmas - Curso de Jornalismo, 2018.
 Orientador: José Bento Renato Monteiro Lobato
1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Amazônia. 4. Ensino. I. Título

CDD 070

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAULO RICARDO AIRES RODRIGUES

PAJUBÁ: LINGUAGEM DA COMUNIDADE LGBTI+ COMO REPERTÓRIO ARTÍSTICO, SOCIAL E CULTURAL

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins
UFT, Câmpus Universitário de Palmas, para obtenção
do título de Licenciatura em Teatro

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade, UFT
Orientadora

Profa. Dra. Roseli Bodnar, UFT
Coorientadora

Profa. Dra. Renata Patrícia da Silva, UFT
Membro Interno

Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Malveira, UFT
Membro Interno

Palmas/TO
2023

PAJUBÁ: LINGUAGEM DA COMUNIDADE LGBTI+ COMO REPERTÓRIO ARTÍSTICO, SOCIAL E CULTURAL

PAJUBÁ: LANGUAGE OF THE LGBTI+ COMMUNITY AS AN ARTISTIC, SOCIAL AND CULTURAL REPERTOIRE

RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires¹

ANDRADE, Karylleila dos Santos²

BODNAR, Roseli³

Resumo: A proposta deste artigo, é fruto de duas pesquisas de iniciação científicas PIBITI⁴/CNPq (2021-2022) e PIBIC⁵/CNPq (2020-2021). As pesquisas tiveram como objetivos: i. identificar as crenças e as atitudes do grupo LGBTI+ que faz uso da linguagem Pajubá em determinados espaços sociais de Palmas; ii. Definir o status linguístico do Pajubá: dialeto, gíria, linguagem de grupo; iii. Conhecer e catalogar o vocabulário Pajubá pertencente e autoidentificado, entre a comunidade LGBTI+ de Palmas-TO. Para este estudo, atividade resultado do Trabalho de Conclusão de Curso TCC, a proposta é desenvolver a criação de uma cena artística (solilóquio) a partir dos resultados obtidos nas pesquisas anteriores. A ideia é ressignificar e transformar alguns dos verbetes (palavras e ou expressões) do pajubá em uma cena artística a qual será apresentada no Sala Aberta, edição 2023-01 que ocorrerá entre os dias 03 e 07 de julho de 2023, no Câmpus de Palmas - UFT. Espera-se que este trabalho possa auxiliar os pertencentes à comunidade LGBTI+ no reconhecimento social, garantindo-lhes seus direitos básicos de convivência dentro da sociedade, respeitando a sua linguagem e seus modos de viver e agir.

Palavras-chave: Linguagem do Pajubá; Comunidade LGBTI+; Solilóquio.

Abstract: The purpose of this article is the result of two scientific initiation research PIBITI /CNPq (2021-2022) and PIBIC /CNPq (2020-2021). The research had the following objectives: i. identify the beliefs and attitudes of the LGBTI+ group that uses the Pajubá language in certain social spaces in Palmas; ii. Define the linguistic status of Pajubá: dialect, slang, group language; iii. Know and catalog the belonging and self-identified Pajubá

¹ Graduando em Licenciatura em Teatro, Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Palmas. E-mail: aires.paulo@mail.uft.edu.br.

² Doutora em Linguística, profa. do Curso de Teatro e do Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras da Universidade Federal do Tocantins UFT e profa. do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura PPGLLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT. E-mail: karylleila@uft.edu.br

³ Doutora em Letras, docente do Curso de Teatro, Filosofia e Pedagogia, do Câmpus de Palmas – UFT. Docente do PPG em Letras, Câmpus de Porto Nacional – UFT. E-mail: rosebodnar@uft.edu.br.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict/pibiti>. Acesso em: 5 jun 2023.

⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict>. Acesso em: 5 jun 2023.

vocabulary among the LGBTI+ community of Palmas-TO. For this study, an activity resulting from the TCC Course Completion Work, the proposal is to develop the creation of an artistic scene (soliloquy) from the results obtained in previous research. The idea is to reframe and transform some of the entries (words and/or expressions) of the pajubá into an artistic scene which will be presented at Sala Aberta, edition 2023-01 that will take place between July 3rd and 7th, 2023, at the Palmas Campus. - UFT. It is hoped that this work can help those belonging to the LGBTI+ community in social recognition, guaranteeing them their basic rights to coexist within society, respecting their language and their ways of living and acting.

Key-words: Pajubá language; LGBTI+ community; Soliloquy.

INTRODUÇÃO

A comunidade LGBTI+⁶ se transformou nos últimos anos em um dos movimentos sociais mais expressivos do Brasil. O pajubá⁷, ou linguagem ‘pajubeyra’, é desconhecida por muitos ainda, é reservada ao grupo, um dos motivos pelo qual estamos realizando o aprofundamento desta pesquisa. É por meio da linguagem que as pessoas transmitem informações, pensamentos, desejos e emoções. Entender que voz é essa, como o grupo interage, qual(is) o(s) significado(s) e o(s) sentido(s) que permeiam, de forma explícita e implícita, a linguagem também nos motiva e justifica esse estudo.

Tomando o grupo LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexo, o símbolo + representa a inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero), se tem um bom exemplo do uso da linguagem como representação social enquanto característica incisiva na determinação cultural de um grupo.

Segundo Vip e Libi (2006), especificamente no Brasil, a comunicação, por meio do uso da linguagem verbal, no meio LGBTI+, é resultado de um processo de aculturação. Esse intercâmbio cultural foi obtido das mais diversas fontes, sendo uma delas com um processo histórico bem pontual: o pajubá ou bajubá, como também é conhecida a linguagem por muitos no país. O uso de uma ou de outra forma vai depender da região e dos contextos de uso.

⁶ É um grupo de indivíduos que representa diferentes indivíduos fora das normas binárias de gênero e sexualidade, reunindo, assim, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e assexuais. Historicamente marginalizados e excluídos da representatividade social.

⁷ O dialeto pode ser definido como “**bajubá, pajubá ou bate-bate**”, para essa pesquisa eu escolhi usar a definição “**pajubá**”, é a mais usada entre as pessoas LGBT’s, atualmente é a que mais representa a comunidade LGBTI+.

Diversos autores apontam a origem de alguns vocábulos como sendo as línguas africanas, em especial o Yorubá (SANTOS, 2011; MACDOWELL, 2010; PATRICIO 2010; SILVA FILHO, 2010; SANTOS 2010; JIMENEZ, 2009; TEIXEIRA, 2008; PELUCIO, 2005). A vinda de africanos para o Brasil, no período escravocrata, foi determinante para o estabelecimento dessa cultura africana, perdurando até o tempo atual, em especial através de suas religiões, que preservam as questões referentes à língua (SANTOS, 2011).

O estudo da linguagem verbal de um grupo social explicita a organização das palavras, suas origens e transformação lexical, pois existem representações históricas, culturais de uma população (PRETTI, 1984). Nesse sentido, a representação social é uma modalidade particular do conhecimento, cuja função é a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. “A representação é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens fazem inteligível a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes de sua imaginação.” (MOSCOVICI, 1994, p. 17-18). É também utilizada de modo a restringir certos grupos que se apropriam de determinada seleção lexical com o intuito de serem estes grupos socialmente semelhantes e constituírem “tribos” com que possam compartilhar visões de mundo, gostos, indumentárias estéticas, enfim, ideologias.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para essa pesquisa traz como instrumento os resultados obtidos durante as investigações das pesquisas de PIBIC/CNPq e PIBITI/CNPq do graduando. Utilizou-se da pesquisa de campo com um viés da abordagem qualitativa. Como instrumentos, utilizamos os questionários e as entrevistas, feitas junto à comunidade LGBTI+. Além dos dados coletados durante a pesquisa para o desenvolvimento do projeto de TCC eu utilizei também de teóricos do teatro, onde durante o semestre 2023/1 fui desenvolvendo a parte da cena solilóquio de forma bibliográfica. Algumas das entrevistas foram coletadas via recursos digitais e de mídias sociais, no total foram 6 entrevistados, idade entre 18 a 45 anos, todos residentes na cidade de Palmas e região. As entrevistas aconteceram em meio a Pandemia da COVID 19 (2020-2021). A metodologia selecionada possibilitou traçar percursos para entender a linguagem de grupo, cultura, crenças e atitudes, para então, produzirmos a estrutura da cena do solilóquio. A pesquisa utilizará de um levantamento bibliográfico, tendo

como base ampliar ainda mais as questões que estão relacionadas ao tema, resultantes de pesquisas anteriores.

A estrutura da escrita desse projeto de TCC ocorreu da seguinte forma: 1) Pajubá: uma linguagem de grupo em movimento; 2) Crenças e Atitudes da Comunidade LGBTI+; 3) Criação e desenvolvimento da cena “solilóquio”.

Por meio dos resultados obtidos durante os dois anos de pesquisas, optei por ressignificar a parte teórica, transformando-a numa cena por meio do recurso de solilóquio⁸ a qual será apresentada na UFT. A intenção é trazer para a cena os elementos sociais e culturais presentes no estudo da linguagem de grupo do pajubá, linguagem essa utilizada pelos pertencentes da comunidade LGBTI+. A base artística da cena solilóquio será pensada a partir dos dados coletados que fazem parte dos relatórios finais das duas pesquisas, PIBITI/CNPq (2021-2022) e PIBIC/CNPq (2020-2021).

2. PAJUBÁ: UMA LINGUAGEM DE GRUPO EM MOVIMENTO

O movimento “GLS” (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) começou a se desenvolver na década de 1970, em meio ao fogo cruzado da ditadura militar. Muitos que faziam parte da comunidade se escondiam por medo de represália. “O discurso de origem do pajubá está relacionado à necessidade de proteção de grupo, principalmente em relação à repressão policial no período da ditadura civil e militar, e nos primeiros anos da abertura política”. (ARAÚJO, 2019, p. 151).

O movimento sempre buscou a aceitação das pessoas pertencentes à comunidade, de forma que a luta até hoje é pelo reconhecimento e representatividade na sociedade. Para entendermos melhor é necessário voltarmos aos anos 80 e 90. Nessa época aconteceram algumas mudanças no que diz respeito às siglas pertencentes ao movimento “GLS” (Gays, Lésbicas e Simpatizantes).

Segundo Reis e Schonarth (2018, p. 18), ao longo dos anos 80, com o avanço dos movimentos houve a mudança da sigla para “LGBT” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros). Nessa época qualquer pessoa que pertencesse à comunidade LGBT era rotulada apenas como “gay”. Já nos anos 90, o termo “LGBT” ganhou mais força e passou a representar os (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis, Transexuais ou Transgêneros). A sigla LGBT trouxe com ela uma série de manifestações políticas e culturais, a fim de obter o reconhecimento da diversidade sexual. [...] O valor histórico que esse dialeto

⁸ O solilóquio é um discurso que a pessoa mantém consigo mesma por meio de pensamentos falados em voz alta sem se dirigir a outro.

possui é inegável. A começar pela influência do iorubá-nagô, que rememora nosso passado de escravidão, o pajubá mostra também outros recortes, tais como gênero, classe social e geração. (ARAUJO, 2019, p. 12).

A partir de 1990, o movimento LGBT começou a ganhar bastante força e uma maior organização aqui no país. Ao passar dos anos, o movimento ampliou as possibilidades, assim muitas das atitudes das pessoas e do movimento LGBT mudaram também (BLOG STOODI, 20 nov. 2020)⁹.

A partir desse momento, a sigla do movimento passou por ampliações, agora não mais “LGBT”, e sim “LGBTI+” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais). O símbolo + representa a inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. Existem diversas outras expressões existentes no movimento, por exemplo:

- a) **LGBTQ** – adicionando a letra Q para aqueles que se identificam como *queer*¹⁰;
- b) **LGBTQIA** – adicionando a letra A como forma de incluir os *assexuais*¹¹, *arromânticos*¹² ou *simpatizantes/aliados*¹³;
- c) **LGBTQIAPN** – adicionando as letras P e N para incluir *pansexuais*¹⁴, *polissexuais*¹⁵ e *pessoas não-binárias*¹⁶;
- d) **LGBTQIAP+** – adicionando o sinal de “+” procura-se atender e representar quaisquer outras pessoas que não se sintam incluídas em nenhuma das outras identidades cobertas pelas iniciais das siglas.

⁹ Informações retiradas do Blog Stoodi. **Movimento LGBTI+: o que é, história e muito mais. 2020.** Disponível em: < <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/> > Acesso em: 25 jan. 2021.

¹⁰ Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como queer, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade. O termo queer também é utilizado por alguns para descrever sua identidade e/ou expressão de gênero. (Fonte: Blog Stoodi).

¹¹ É um indivíduo que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero.

¹² Pessoas que podem ter qualquer orientação sexual e desejar relações próximas com outras pessoas.

¹³ Pessoas que, independente da orientação sexual ou identidade de gênero, tomam ação para promover os direitos e a inclusão LGBTI+. (Fonte: Blog Stoodi).

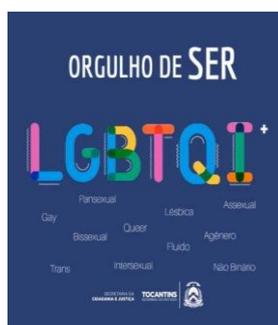
¹⁴ Considera-se que a pansexualidade é uma orientação sexual, assim como a heterossexualidade ou a homossexualidade. O prefixo pan vem do grego e se traduz como “tudo”. Significa que as pessoas pansexuais podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independente de sua identidade de gênero ou sexo biológico. (Fonte: Blog Stoodi).

¹⁵ Polissexualidade é uma orientação sexual, caracterizada pela atração por dois ou mais gêneros, porém não todos. Ela não deve ser confundida com a poligamia ou amor. Uma pessoa polissexual é "abrangente ou caracterizada por diferentes tipos de sexualidade". (Fonte: Blog Stoodi).

¹⁶ É uma categoria abrangente para identidades de gênero que não estão relacionadas apenas a identidades masculinas ou femininas que estão fora do binário e da cisnormatividade de gênero. (Fonte: Blog Stoodi).

No Estado do Tocantins o movimento que envolve a sigla LGBTQIA+ vem ganhando força e espaço. Entender a sigla em si, e tudo que habita nela é fundamental na hora de levar informação para fora da comunidade, ou na hora de promover ações que ajudem a conscientizar as pessoas sobre todo o movimento/comunidade LGBT. A Secretaria de Cidadania e Justiça (SECIJU) reforça sobre a necessidade e a importância de combater a intolerância que existe na sociedade atual, de forma que o respeito é direito de todos, inclusive quando o assunto/pauta é a diversidade sexual e identidade de gênero. Independente da sigla, o movimento é um só, que é o de promover o respeito, o amor e o direito de viver em sociedade, portanto, a diversidade sexual e a identidade de gênero sempre estiveram presentes na sociedade, porém, atualmente todas as siglas do movimento estão unindo forças, e pouco a pouco vão conseguindo mudar o cenário de discriminação e preconceito¹⁷.

Figura 1 – LGBTQI+ (Estado do Tocantins)



Fonte: Imagem¹⁸

A maioria dos direitos da comunidade LGBTI+ hoje existentes, tais como: “*União Homoafetiva*¹⁹” regulamentado em 2013, a “*Adoção Homoafetiva*²⁰” em 2015, agora um

¹⁷ Movimento LGBTQI+ no Estado do Tocantins. Disponível em: <https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-o-significado-de-cada-letra-e-a-luta-por-respeito-a-diversidade/59vopeq232v> Acesso em: 08 jul. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://cidadaniaejustica.to.gov.br/noticia/2020/6/18/orgulho-lgbtqi-conheca-o-significado-de-cada-letra-e-a-luta-por-respeito-a-diversidade/#:~:text=Ainda%20que%20muitos%20saibam%20o,de%20forma%20mais%20completa%20a> Acesso em: 08 jul. 2021.

¹⁹ **União Homoafetiva:** “Em 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou a Resolução nº 175, que permite em todo o Brasil o casamento civil ou conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.” Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/24504/o-casamento-homoafetivo-e-a-resolucao-n-175-2013-do-conselho-nacional-de-justica-efetivacao-dos-direitos-da-pessoa-humana>> Acesso em: 07 abr. 2021.

²⁰ **Adoção Homoafetiva: ADPF 132 e da ADI 4277:** “Em 5 de março de 2015 a Ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, deu a decisão definitiva, reconhecendo o direito de adoção por casais homoafetivos. Em sua decisão, a Ministra destacou que “a Constituição Federal não faz a menor diferenciação” entre casais heterossexuais e homoafetivos.” Disponível em: <https://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2978105/artigo-o-julgamento-da-adpf-132-e-da-adi-4277-e-seus-reflexos-na-seara-do-casamento-civil> Acesso em: 07 abr. 2021.

pouco mais recente em 2018 a mudança do nome civil para o “*Nome Social*”²¹ da população T - *Travestis e Transexuais*, e no ano de 2019 a criminalização da “*Homofobia, Transfobia, Homotransfobia, LGBTfobia*”²², todos os direitos conquistados não advieram por lei, mas sim por decisões judiciais dos tribunais superiores, o que chamamos de jurisprudências, eles são protegidos pelo poder judiciário. Apesar de todos esses direitos conquistados, o casamento gay, a adoção, a mudança do próprio nome, os crimes de ódio contra a comunidade LGBTI+ serem tipificados, há sim uma resistência, não só da sociedade palmense, como de toda uma sociedade em relação ao diferente, neste caso, a comunidade LGBTI+ como um todo. Isso sustenta o pior prêmio que o Brasil já levou: de ser líder em agressão e assassinato de pessoas da comunidade LGBTI+. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTI+. Relatório divulgado pelo GGB - Grupo Gay da Bahia²³ informa que 329 pessoas LGBTIs tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia, em 2019.

Portanto, desde os anos 80 a comunidade que era denominada anteriormente “LGBT” agora ampliada para “LGBTI+” avançou e conquistou alguns direitos, se expandiu enquanto grupo/comunidade/população. Sabemos que a sigla “LGBTI+” traz uma representatividade muito grande. O uso da sigla é uma forma de unificar e incluir todas as outras siglas/movimentos existentes. Nos últimos anos muita coisa mudou, como por exemplo, a decisão da união homoafetiva, o direito pelo nome social, a adoção homoafetiva e etc., ainda sim, percebo que há muito para ser conquistado em relação aos direitos LGBTIs.

2.1 CRENÇAS E ATITUDES DA COMUNIDADE LGBTI+

O estudo das crenças e atitudes na comunidade LGBTI+ traz reflexões em torno de uma perspectiva sociocultural e sociolinguística, na qual as crenças e atitudes dizem muito sobre o grupo em questão. Existem questionamentos em torno da linguagem de grupo, o que define as crenças e atitudes da comunidade LGBTI+? Qual a relação do pajubá com as crenças e atitudes da comunidade no geral que faz uso dessa linguagem?

²¹ **Mudança do nome civil para o nome social: ADI 4.275 e Resolução 73/2018 CNJ: Disponível em:** <https://www.conjur.com.br/2018-mar-01/stf-autoriza-trans-mudar-nome-cirurgia-ou-decisao-judicial> Acesso em: 07 abr. 2021.

²² **Criminalização da LGBTfobia: (ADO) 26 e (MI) 4733:** “O Congresso Nacional edite lei específica, as condutas homofóbicas e transfóbicas, reais ou supostas, se enquadram nos crimes previstos na Lei 7.716/2018.” Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010> Acesso em: 07 abr. 2021.

²³ Relatórios anuais de mortes LGBTI+ no Brasil. Site: **Grupo Gay da Bahia (GGB)**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/> Acesso em: 01 mar. 2021.

Sabemos que toda à comunidade faz o uso de alguma linguagem ou um dialeto para se comunicar, e a linguagem atribuída e pesquisada nessa temática, é a linguagem do pajubá. Através dessa linguagem é possível compreender sobre algumas das crenças e atitudes que estão presentes no dia a dia, e na vida dos pertencentes de grupos ou comunidades, nesse caso, na comunidade LGBTI+.

De acordo com Cláudio, Pereira e Robalo (1994) existe uma ligação entre as crenças e atitudes de um grupo com o mundo exterior, e que isso pode modificar o modo de viver e conviver em sociedade. A partir dessa percepção, os autores afirmam que é possível compreender e prevenir problemas futuros, pois estamos falando de crenças e atitudes que podem gerar impactos positivos ou negativos na vida das pessoas.

A comunidade LGBTI+ vem se desenvolvendo ao longo dos anos, de modo que movimentos novos nascem, ideias mudam, e a linguagem de grupo permanece em constante evolução. “Entende-se que as crenças são como forma de pensamento, como construção de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação”. (BARCELOS, 2006, p. 33).

Relacionado a essas crenças e atitudes, precisamos aprofundar sobre a importância da linguagem enquanto sociolinguística. É preciso buscar a compreensão de como essa linguagem é usada, e que efeitos ela causa na vida e no cotidiano das pessoas. Sabemos que existe uma linguagem padrão em sociedade, linguagem essa que faz menção a grupos bem sucedidos e que vivem rodeados de prestígios, isso se dá a padrões linguísticos, dessa forma, criam-se preconceitos linguísticos, onde algumas linguagens sobrevivem à margem do desprestígio linguístico social.

As crenças sempre estiveram presentes na vida do ser humano, dessa forma, as crenças estão interligadas com as atitudes e ações geradas em sociedade, grupos e/ou comunidades.

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Através do estudo das crenças e atitudes na comunidade LGBTI+, é possível analisar as experiências dos pertencentes dessa comunidade, a fim de entender melhor sobre a realidade e os impactos que a linguagem do pajubá promove. Dessa forma, a pesquisa obteve um melhor entendimento entorno das questões da linguagem de grupo e em relação à

realidade dos pertencentes da comunidade LGBTI+. Ademais, só foi possível compreender melhor sobre as crenças e atitudes da comunidade LGBTI+ devido à coleta de dados que aconteceu por meio de entrevistas via Formulário Google/Forms²⁴.

Constata-se, que crenças e atitudes podem influenciar na variação linguística, desse modo, elas influenciam na hora de pensar, agir, sentir ou na hora de se relacionar com outras dentro e fora da sua comunidade. “Em um estudo de Crenças e Atitudes Linguísticas, há conceitos fundamentais que não podem deixar de ser abordados, mesmo que brevemente, como se fará nesta subseção. Trata-se de definir termos como identidade linguística, lealdade e deslealdade linguística, status/prestígio linguísticos, preconceito, estigma e estereótipo.” (BOTASSANI, 2014, p. 120).

2.2 CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA CENA “SOLILÓQUIO” A PARTIR DA COLETA DE DADOS DAS PESQUISAS DE PIBIC (2020-2021) E PIBITI (2021-2022)

A linguagem do pajubá é utilizada primeiramente pelos pertencentes da comunidade LGBTI+, conseqüentemente essa linguagem de grupo começou a ser utilizada por pessoas que não pertencem a comunidade LGBTI+ e para, além disso, as mídias sociais e audiovisuais como (instagram, facebook, twitter, tiktok, novelas, filmes e etc.) também vem se apropriando do dialeto, ajudando assim, a divulgar ainda mais a linguagem para a comunidade externa.

A partir do estudo da linguagem do pajubá foi possível compreender que existe uma pluralidade de ideias e muitos conflitos que estão relacionadas à questão social e cultural diante a realidade da comunidade LGBTI+. Por esse caminho, surgiu a ideia da produção de uma cena, utilizando da técnica e/ou solilóquio a partir dos conflitos existentes na comunidade LGBTI+, das crenças e atitudes, direito a igualdade de gênero, inclusão do grupo em questão e linguagem marginalizada ainda nos dias de hoje.

Se a noção de conflito leva, por vezes, à criação de aspirações utópicas ou articulações políticas irrefletidas, a performance topográfica, imbuída de caráter tectônico, desregulariza sistemas arraigados pela ação cênica. As iniciativas iludidas que encontram conforto na denominação "sem fronteiras" não dão conta de expressar e transformar os abismos e isolamentos que configuram as relações de indivíduos hoje. Desprovidas dos saberes marginais do entre, das liminaridades, dos contornos e do trânsito polinizador como ecodinâmicas antropológicas de existir em cena, as pedagogias "sem fronteiras" padecem sobre si mesmas porque carecem das

²⁴ Link do Documento/Formulário Google Forms usado na pesquisa qualitativa: Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1Ao97cNKpo0q5Y3IewnaCiyUTqpwNbd_8R7hQ6c1hyps/edit

geologias sociais que definem subjetividades a partir de nivelamento de terras. Ao contrário, por estar profundamente marcadas de uma veia econômica neoliberalista de livre circulação, as pedagogias "sem fronteiras" parecem deslizar sobre superfícies planas e culturas uniformes. (LEAL, 2019, p. 26).

A técnica solilóquio se diferencia de um monólogo, e uma de suas características é que o ator fala em voz alta o que se passa em sua mente. Antes de adentrarmos de forma mais aprofundada em relação ao solilóquio gostaria de falar sobre o teatro e sua importância para essa pesquisa.

O teatro tem seus encantos e magias, e desde seu nascimento o fazer teatral promove experiências poéticas, sensíveis e verdadeiras. Através do teatro, o ator e/ou dramaturgo consegue acessar o mundo a sua volta, de modo que é possível promover ações poéticas, artísticas, e também falar sobre lugares, temáticas, questões sociais e culturais através do teatro.

Nenhuma forma teatral, nenhum antiteatro é tão novo que não tenha analogia no passado. O teatro como provocador? O teatro em crise? Nenhuma dessas questões ou problemas são especificamente modernos: todos surgiram no passado. O teatro pulsa de vida e sempre foi vulnerável às enfermidades da vida, Mas não há razão para se preocupar, ou para previsões como as de Cassandra. Enquanto o teatro for comentado, combatido - e as mentes críticas têm feito isso sempre -, guardará seu significado. (BERTHOLD, 2001, p. 11-12).

Fica uma pergunta aqui: O que é Teatro?

[...] o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira sua máscara diante do espectador. Ou seja, quando existe consciência de que ocorre uma "simulação", quando a representação cênica de um deus é aceita como tal: a divindade presente é um homem disfarçado. Aqui começa o embrião da noção de ficção e também da noção de fazer arte. O teatro define seu terreno específico, E, naturalmente, enquanto para os idealistas sua essência pode ser até mesmo divina, para os materialistas seu significado é concreto. E pertence aos homens. (PEIXOTO, 1983, p. 15-16).

Dando continuidade, a técnica e/ou gênero solilóquio originou-se do latim “*soliloquium*”²⁵, como o significado de “falar sozinho em voz alta”. Na literatura, o termo foi consagrado por Santo Agostinho em sua obra “*Liber Soliloquium*” e esse tipo de fala

²⁵ (Do latim solus, sozinho. e loqui, falar.) Fr.: soliloque ; Ingl.: soliloquy; AI.: Monolog; Esp.: soliloquio.

acontece sempre na primeira pessoa. No teatro essa técnica e/ou recurso requer uma articulação entre o ator e o que está sendo dito, nesse caso, o ator que está em cena desenvolve uma espécie de conversa entre o interior (pensamento) e exterior (ação) da persona e/ou da personagem, a fim de confrontar questões pertinentes e humanas de um determinado assunto pesquisado, aqui o assunto pesquisado é a linguagem de grupo pajubá.

Segundo a norma épica, o solilóquio constitui uma forma de objetivação de pensamentos que, sem ele, permaneceriam letra morta. Daí seu caráter não-verossímilante no âmbito da forma puramente dramática. O solilóquio provoca um rompimento de ilusão e instaura uma convenção teatral para que possa instaurar-se uma comunicação direta com o público. (PAVIS, 2008, p. 367).

A dramaturgia da cena foi pensada a partir de alguns elementos, são eles:

- a) Os dados coletados durante as pesquisas PIBIC e PIBITI sobre a linguagem do pajubá e a realidade da comunidade LGBTI+;
- b) Questões sobre políticas públicas, grupo identitário marginalizado, classe social e cultural;
- c) A partir da disciplina Escrita Dramática e Crítica Teatral, planejada pela Professora Doutora Roseli Bobnar (8º período), foi possível estruturar a dramaturgia da cena.

A cena em si possui muitos elementos direcionadores, mas, o alvo principal será o foco no conflito dramático por trás da mensagem que está sendo passada. No caso do solilóquio, o ator precisa criar uma interação direta com seu público, e é esse conflito que servirá como ponte na hora de dialogar com as pessoas que estarão assistindo.

De acordo com uma teoria marxista ou simplesmente sociológica, todo conflito dramático resulta de uma contradição entre dois grupos, duas classes ou duas ideologias em conflito, num determinado momento histórico. Em última análise, o conflito não depende apenas da vontade do dramaturgo, mas das condições objetivas da realidade social representada. Essa é a razão pela qual os dramas históricos, que ilustram as grandes convulsões históricas e descrevem as partes em confronto, conseguem visualizar melhor os conflitos dramáticos. Inversamente, uma dramaturgia que expõe as discussões internas ou universais do homem tem muito mais dificuldade para mostrar dramaticamente as lutas e conflitos (desse modo, a tragédia clássica francesa ganha em refinamento de análise o que perde em eficácia dramática). (PAVIS, 2008, p. 68).

A partir da dramaturgia organizou-se então um caminho cênico, e nessa organização, a linguagem do pajubá estará presente do começo ao fim. Nessa estrutura compõem-se a dramaturgia como foi mencionada, a linguagem do pajubá como foco principal, depois a estética da cena (figurino, iluminação, espaço, narrativa), e por último o resultado final da cena que é a mensagem que será passada para o público de forma teatral, e mais que isso, fica-te a inclusão de uma linguagem que em pleno século XXI ainda é marginalizada pela sociedade.

Estão nas fronteiras as oportunidades de saber. Saber de fronteira é saber de transformação. Um teatro que lida com os conflitos humanos se opõe às desgastadas formas de agir em situações desagradáveis que o politicamente correto (des)orienta: atacar ou fugir. A fronteira exige empatia no conflito com o/a outro/a. É no conflito que é possível agir em relação e transformar as opressões sociais. Atacar e fugir não são, definitivamente, gestos que contribuem para a mudança social. (LEAL, 2019, p. 27).

A estrutura da cena do pajubá pensada por meio da técnica do solilóquio percorrerá os seguintes caminhos: Dramaturgia (palavras do vocabulário pajubá); Construção da Subjetividade da narrativa (Questões que norteiam os problemas vividos pelas pessoas da comunidade LGBTI+) exemplo, exclusão social, violência e a representatividade por trás da linguagem do pajubá e etc. Todos esses elementos estarão presentes na cena que será apresentada no evento: Sala Aberta – UFT.

Para que isso aconteça, será preciso pensar a cena de dentro para fora, uma vez que o ator em cena conversa consigo mesmo, a fim de contrastar a emoção e a razão ao mesmo tempo. Portanto, a partir desse lugar de criação será possível evidenciar através da cena questões de cunho social, a fim de verbalizar e promover reflexões a partir da realidade dos pertencentes à comunidade LGBTI+ e compreender que existem seres humanos vivendo à margem da sociedade.

Por fim, os elementos estéticos da cena, que são: figurino, imagens projetadas, cenário, dramaturgia e iluminação estarão presentes na minha apresentação/defesa de TCC por meio de slides, a fim de demonstrar para a banca como será o resultado final da cena que será apresentada no evento do “Sala Aberta”, que acontecerá no Bloco B do curso de Licenciatura em Teatro – UFT, Câmpus de Palmas-TO.

3 RESULTADOS E ANÁLISE

Os dados coletados nos possibilitaram identificar as crenças e as atitudes da comunidade participante da pesquisa com relação ao uso da linguagem, conhecida como pajubá. Entendemos que existe uma forma de linguagem diferente e restrita entre os pertencentes dessa comunidade. Para essa interação, existe todo um contexto histórico social e cultural, não é apenas uma linguagem de grupo, mas um movimento afirmativo que vive em constante adaptação, mudando e transformando suas atitudes e crenças.

Ainda existem muitas dúvidas da parte dos pertencentes da comunidade LGBTI+, no que diz respeito a essa linguagem de grupo e seus direitos constitucionais. Alguns dos entrevistados disseram que não tem o costume de usar a linguagem para se comunicar. Para contrastar as informações, apresentamos aqui uma parte da lista de palavras, coletadas nas pesquisas anteriores.

Quadro 1 – Amostra de Lista de palavras – Linguagem Pajubá

<p>Abafar o caso – calar quando alguém não pode ouvir a conversa; Acuér – dinheiro; Bafão - acontecimento polêmico; Cheque prédatado – “chuca” mal feita; Dar a Elza – roubar; Ebó – adjetivo para pessoa feia; Erê – homem pequeno; Fazer Winoma – roubar, o mesmo que dar a Elza; Gulosa – sexo oral; Homossexuelen – homem gay; Joaninha – viatura policial; Jorge – maconha; Lugar de pegação – ponto de encontro de gays para sexo; Mona – gay; homossexual mais velho; travesti; Nárnia – refere-se ao local (armário) onde os “encubados” ficam, pessoa que não se assume; Nhaí – cumprimento, oi; Ocó – homem hétero; rapaz; Padezero – pessoa viciada em cocaína; Quá-quá – homossexual efeminado; Racha / Raxa – mulher; assim denominada pela anatomia de seu órgão sexual; Rosinha – ânus; Surra de edi – bater com o ânus no pênis no ato sexual; Toda cagada – expressão que indica que alguém está mal arrumado; Urso – homossexual mais velho e peludo; gay peludo com barba e acima do peso, com aparência máscula; Vaporizar – ir à sauna; Zoraide – gay muito ligado em astrologia ou esoterismo;</p>

Durante a análise de dados, identificamos a existência de estereótipos presentes na comunidade LGBTI+ no Estado do Tocantins. Bardin (1977) diz que um estereótipo é a “representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com certa estabilidade²⁶”.

Alguns dos entrevistados, ao serem perguntados sobre o uso da linguagem do pajubá, responderam dizendo que fazem o uso da linguagem apenas quando estão no seu grupo de convívio e/ou comunidade, que fora dele (em sociedade) não se sentem confortáveis para usar livremente a linguagem.

Relacionado a crenças e atitudes dos pertencentes da comunidade LGBTI+, nota-se algumas mudanças linguísticas, sabemos que o pajubá ainda é considerada uma linguagem marginalizada, e devido a esse preconceito evidente na sociedade, existem as questões de prestígios e desprestígios que desfavorecem os pertencentes da comunidade LGBTI+ em relação ao direito de viver e de ir em busca de uma vida melhor e inclusiva.

O estudo linguístico relacionado às crenças e atitudes constitui-se em alguns conceitos, são eles;

- 1) *Identidade linguística*: “aquilo que permite diferenciar um grupo do outro, uma etnia de outra, um povo de outro.” (MORENO FERNÁNDEZ. 1998. p. 180);
- 2) *Lealdade e deslealdade linguística*: “Em síntese, a lealdade linguística está estreitamente vinculada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo. Orgulho esse que geralmente está ligado ao poder e ao status que determinados grupos linguísticos possuem, referentes à sua posição social, econômica e/ou cultural. Na contramão, a deslealdade linguística reporta-se ao sentimento de vergonha, de inferioridade, de insegurança e, em casos mais graves, até de aversão linguística.” (BOTASSANI. 2015. p. 123);
- 3) *Status/prestígio linguístico*: Depende do status social, onde envolvem questões sociais, poder/dinheiro, religião, política e questões culturais;
- 4) *Preconceito linguístico*: Refere-se a um determinado grupo linguístico que não possui nenhum prestígio social. Qualquer ideia, opinião contrária ou desfavorável. Existe um julgamento precoce, onde não é feito uma análise crítica antes do julgamento;

²⁶ Bardin L. L'Analyse de contenu. Editora: Presses Universitaires de France, 1977, p. 51.

- 5) *Estigma*: Algo depreciativo, onde o sujeito/falante é vítima de preconceitos e discriminações. O objetivo de um estigma é o de identificar negativamente qualquer ação ou atitude sobre um falante ou um discurso. (GOFFMAN. 1988. p. 13);
- 6) *Estereótipo*: Para Labov (2008, p. 360) estereótipo são formas marcadas e rotuladas pela sociedade.

Essas questões relacionadas ao preconceito linguístico afetam diretamente os falantes da própria comunidade, pois devido a essa visão deturpada em sociedade, alguns pertencentes da comunidade LGBTI+ não fazem o uso do pajubá, devido ao desprestígio da linguagem. Esse preconceito social e linguístico reforça ainda mais a marginalização da linguagem do pajubá e fortalece negativamente os estigmas impostos pela sociedade.

Quijano (1992, p. 443) diz que o pajubá “ora se configura como uma linguagem de resistência, especialmente pelas travestis que estão na prostituição, existe uma associação com uma linguagem de rua, dos guetos, do subúrbio.” Devido a essa discriminação existente, a maioria das pessoas LGBTIs busca nas religiões afro-brasileiras um acolhimento, principalmente no candomblé.

No Estado do Tocantins, mais especificamente na cidade de Palmas, existe uma luta muito grande quando o assunto é expressividade e representatividade. A comunidade LGBTI+ tem um representante nas questões da diversidade e direitos das pessoas LGBTI+, considerado pela comunidade como um defensor dos direitos e das garantias, o Dr. Landri Alves Carvalho Neto²⁷. A coleta de dados dessa entrevista foi realizada de forma remota no dia 10 de fevereiro de 2021, as plataformas usadas foram o Whastapp e o E-mail. O advogado assinalou que, em relação ao movimento e aos direitos LGBTI+, o que mudou, de uns anos para cá, foi a representatividade, as pautas sociais, não somente da diversidade sexual, mas pautas ligadas à diversidade religiosa e racial.

No decorrer das entrevistas das pessoas LGBTIs que contribuíram durante o desenvolvimento da pesquisa científica pode-se notar uma resistência quando o assunto é o dialeto ou a linguagem do pajubá. Exemplo disso, foi quando um dos entrevistados ao ser perguntado se usava o dialeto/linguagem do pajubá, o mesmo respondeu dizendo que “usava às vezes, ou usava apenas quando estava entre amigos e/ou em baladas LGBT’s, mas que no dia a dia não usava o dialeto.” Partindo desta premissa, as entrevistas confirmam a existência

²⁷ Advogado, assessor Jurídico da Secretaria de Estado da Saúde, Presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Tocantins e Presidente da Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero do Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM Seção Tocantins.

de alguns conflitos existentes na sociedade, conflitos esses que refletem no dia a dia dos pertencentes da comunidade LGBTI+. Esses conflitos refletem na inclusão social das pessoas da comunidade LGBTI+, conseqüentemente as mesmas ficam a margem, vivendo às vezes sem oportunidade de incluir-se na sociedade.

Para curar essa chaga que é a discriminação, o preconceito e a marginalização da comunidade LGBTI+, é necessário que aconteça ações afirmativas pelos governos, é preciso pegar o problema para resolver, ter a coragem de enfrentá-lo e uma boa educação na base, que começa pela família, não permitindo que formemos mais seres discriminatórios. A outra parte, não menos importante, é a educação, tudo passa pela educação, ninguém nasce homofóbico, lesbofóbico, transfóbico.

Os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. (LAMBERT e LAMBERT, 1966, p. 78).

Todo ato de repúdio e desprezo em relação a algo que é considerado fora do padrão pela sociedade, fortalece ainda mais o preconceito, seja de um grupo, classe social ou a própria linguagem usada pelo grupo. Através da educação é possível transformar essa realidade, pois a conscientização linguística e a aceitação dela ajuda a romper as barreiras sociais e todos os estigmas e estereótipos que são impostos pela sociedade.

A partir dos estudos acerca da linguagem do pajubá foi possível pensar a estrutura da cena solilóquio apresentado para proposta. Nessa perspectiva, foi pensando a parte estética da cena, como por exemplo, o figurino, a luz. Já em relação à dramaturgia fica estabelecido que toda a narrativa presente no solilóquio será desenvolvida a partir dos estudos anteriores sobre a linguagem do pajubá. Além disso, a cena terá em sua dramaturgia palavras do pajubá que fazem parte do livro “Pequeno Vocabulário PAJUBÁ Palmense²⁸”, publicado em janeiro de 2023 pelos pesquisadores Paulo Ricardo Aires Rodrigues e Karylleila dos Santos Andrade como resultado da pesquisa científica PIBITI (2021-2022).

Outro ponto importante no processo criativo da cena foi à criação da partitura corporal pensada para a cena. Para além da dramaturgia foi importante compreender durante o processo que corpo estaria em cena e qual mensagem estaria sendo reproduzida a partir da cena.

²⁸Link: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>

Neste sentido, o corpo é a maior fronteira humana: está sempre exposto. Apesar de roupas, apesar de ideias, o corpo humano é feito de vulnerabilidade. Aliás, roupas e ideias tendem a dar uma impressão de segurança protetiva não à pele, mas à existência. Curiosamente corpo em forma de roupa e corpo em forma de ideia são as moedas sociais do próprio corpo. Estar em relação significa ter objetos de troca que se constituem como parcelas de mim: roupas e ideias que vestem o corpo tem valor de circulação e, no economia urbana tem mais importância que o próprio corpo. Apesar de exposto, o corpo não tem sido, em si, formato econômico de estabelecimento de uma existência porosa e transformadora, mas de uma existência mesquinha e superficial – mais pertinente se fosse chamada de sobrevivência. (LEAL, 2019, p. 28-29).

Portanto, toda a parte estética e textual da cena terá em sua estrutura artística referências trazidas pelos pertencentes da comunidade LGBTI+, a fim de trazer para a cena questões que são importantes de serem faladas e investigadas. Para que haja uma sociedade mais inclusiva se faz necessário dar voz a pessoas e/ou grupos marginalizados, e trazer para a cena artística a essência da linguagem do pajubá, já é um excelente caminho a ser percorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o comportamento humano e o seu cotidiano não é uma tarefa fácil. Isso ocorre devido às diferentes realidades dos indivíduos que (sobre)vivem em grupo e/ou em comunidade. Por meio dos estudos anteriores à temática, foi possível coletar dados que ajudaram a chegar a uma compreensão de como a linguagem do pajubá é usada pelos pertencentes à comunidade LGBTI+, e compreender as crenças e atitudes em relação ao uso do pajubá.

Por meio dos estudos das crenças e atitudes da comunidade LGBTI+, foi possível compreender as diferenças que existem no dialeto estudado aqui, e ter uma noção de como elas tem o poder de refletir tanto positivamente, como negativamente na vida dos pertencentes desse grupo. Dessa forma, fica explicitado de como a forma que essa linguagem de grupo é introduzida na sociedade, lembrando que ainda existe uma grande resistência na hora de usar a linguagem do pajubá, pois o dialeto traz com ela marcas que estão atreladas ao desprestígio social devido as suas gírias, e pelo grande preconceito ainda existente na sociedade.

A partir de tudo que foi abarcado acerca da linguagem do pajubá, foi possível pensar a cena, através de um solilóquio, trazendo em sua estrutura artística questões sobre classe social, pertencimento de grupo e/ou pessoas, linguagem marginalizada, gírias, direitos LGBT's, e a historicidade de uma dialeto que começou a muitos anos atrás nas ruas do Brasil. Vale lembrar, que essa linguagem originou-se através das Travestis e Transexuais, como uma

forma de autoproteção, afinal, o Brasil ainda é o país que mais mata pessoas LGBTIs no mundo.

Trazer o pajubá para a cena artística é um grande exemplo de inclusão, pois nesse processo artístico a linguagem do pajubá aparece com protagonismo, trazendo sua essência e sua verdade histórica. Nesse sentido o corpo em cena trouxe a potência artística, e por meio da linguagem do pajubá e dos conflitos existentes na comunidade LGBTI+ foi possível abordar e promover pontos de reflexões acerca da marginalização da linguagem em questão.

Ora, se o corpo é o objeto de inanição sobre o/a outro/a, ou seja, por mais que haja troca não há transformação, o corpo tem sua potência indistinguível, inacabada mesmo, em circunstância do extremo radicalismo da oposição com o mundo. Corpo que não se percebe fronteira, não performa. Corpo que se percebe fronteira age sobre si para poder agir sobre o/a outro/a. Preparar o corpo para o corpo-outro/a não é ter suas fronteiras móveis, mas mobilizar suas fronteiras para afrenteir-se do/a outro/a. Ainda que apartados de quaisquer possibilidades crítico-reflexivas dos processos de elaboração da subjetividade, corpos limitados devem tensionar todos os seus limites em situações performáticas. O existir cênico deve poder fazer corpo no corpo que está alheio de si. O choque pode dar-se a perceber de forma abrupta a sujeitos mais desalentados. No entanto, choques terapêuticos, como os que a medicina fisioterápica incorporou em processos de cura a laser e a infra-vermelho, podem promover a cura de formações de si atrofiadas. Fronteirar-se pela performance pode ser uma forma cênica de existir para quem o corpo está alheio de seus próprios limites. (LEAL, 2019, p. 29).

Figura 2



Fonte: arquivo pessoal

Figura 3



Fonte: arquivo pessoal

Dessa forma, o estudo do teatro e a linguagem do pajubá contribuíram para o desenvolvimento do estudo deste TCC e o desenvolvimento da cena – solilóquio, trazendo questões norteadoras acerca de políticas inclusivas, questões culturais e o mais importante, a humanização em relação aos pertencentes da comunidade LGBTI+ e as demais questões expostas que envolvem a história e contexto atual da comunidade LGBTI+.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gabriela Costa. **Bajubá: memórias e diálogos das travestis**. 1. Ed. – Jundiaí: SP Paco Editorial, 2019. 188 p.
- BARCELOS, A. M. F. **Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de língua: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-42.
- Bardin, L. *L'Analyse de contenu*. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. p. 51.
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro** / Margot Berthold; [tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia]. – São Paulo: Perspectiva, 2001. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/Historia_Mundial_do_Teatro.pdf Acesso em: 04 jun. 2023.
- BLOG STOODI. **Movimento LGBTI+: o que é, história e muito mais. 2020**. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **Revista SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, jun. 2015. p. 102-131.
- CLÁUDIO, V., PEREIRA, M. & ROBALO, P. Sida! A Falsa Protecção que o Amor Tece. *Análise psicológica*, 2-3 (XII): 221-226, 1994.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LAMBERT, William e LAMBERT, Wallace Earl. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- _____. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- LEAL, Dodi Tavares Borges. *Teatra da oprimida [livro eletrônico]: últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero*. / Organizadora: Dodi Tavares Borges Leal. – Porto seguro: UFSB, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/Teatra%20das%20Oprimidas.pdf> Acesso em: 12 jul. 2023.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PAVIS, Patrice. 1947 – **Dicionário de teatro / Patrice Pavis**; Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3 ed. – São Paulo : Perspectiva, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/Patrice-Pavis-dicionario-de-teatro.pdf> Acesso em: 04 jun. 2023.
- PEIXOTO, Fernando. **O que é Teatro**. Revisão: José E. Andrade. 5 ed. – editora brasiliense, 1983. Disponível em:

[file:///C:/Users/USER/Downloads/O%20Que%20%C3%A9%20Teatro%20-%20Fernando%20Peixoto%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/O%20Que%20%C3%A9%20Teatro%20-%20Fernando%20Peixoto%20(1).pdf) Acesso em: 04 jun. 2023.

PPGL/UERJ. **Escritos discentes em literaturas de língua inglesa**, volume XIII / organizadoras Maria Aparecida Andrade Salgueiro, Leila Assumpção Harris. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. 232 p. ; 15,5x23 cm. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=YNINEAAAQBAJ&lpg=PA42&ots=DvK1LYh6Wp&dq=solil%C3%B3quio&lr&hl=pt-BR&pg=PA46&output=embed> Acesso em: 17 jun. 2023.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1984.126 p.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y Modernidad – racionalidad**. In: BONILLO, Heraclio (org.) **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; Flacso, 1992, p. 437-449.

SALGUEIRO, A.A.; HARRIS, L. A. **PPGL/UERJ escrito discentes em literatura de língua inglesa**, vol XIII. Organizadores Maria Aparecida Salgueiro e Leila Assumpção Harris.1 ed. Rio de Janeiro: Letras Capital, 2020.

SANTOS, E. C. **A antropologia urbana como ferramenta para construção de um relato jornalístico sobre os jovens homossexuais que frequentam o Coreto Circular na Praça da República, em Belém do Pará**. 2011. Disponível em:

<http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0241-1.pdf> Acesso em 14 fev. 2022.

SCHONARTH, João Pedro. **Manual de Comunicação LGBTI+**. In: REIS, Toni (Orgs.). 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI+ GayLatino, 2018, p. 18-78

VIP, A; LIBI, F. **Aurélia, a Dicionária da Língua Afiada**. Editora do Bispo: São Paulo, 2006, 143p.